

# UM EXEMPLO DE DEMOCRACIA PARTICIPATIVA

O município do Marco de Canaveses dispõe, desde novembro de 2021, de uma consulta descentralizada de comportamentos aditivos e dependências (CAD), no âmbito das competências territoriais do CRI Porto Central. Esta valência funciona no Centro de Saúde Familiar de Bem Viver e, por decisão recente, em função da procura verificada, irá mesmo alargar o período de atendimento que se resumia ao período da manhã das quintas-feiras para um horário compreendido entre as 9 e as 17h. Este é apenas um exemplo do trabalho que tem sido desenvolvido pelo executivo liderado pela autarca local Cristina Vieira, que definiu uma estratégia que poderia figurar nos manuais da política baseada em evidência: envolver os diferentes atores sociais, da saúde, da educação, das forças de segurança, da sociedade civil e dos jovens do município, realizar um diagnóstico, ouvir, planejar, executar e avaliar.

Dependências foi ouvir a autarca do Marco de Canaveses sobre esta forma diferenciada e mais próxima de fazer política numa perspetiva de democracia participativa...

## CRISTINA VIEIRA



**Por que decidiu o município do Marco de Canaveses criar uma consulta descentralizada no âmbito dos CAD?**

**Cristina Vieira (CV)** – Antes de mais, nós temos um diagnóstico realizado no âmbito do Conselho Local de Ação Social com os diferentes parceiros que revelou que, apesar de já termos tomado algumas medidas, ainda existem algumas lacunas no que concerne à prestação de cuidados na área da saúde, nomeadamente nos CAD. Obviamente, quando preparámos o nosso programa eleitoral, quisemos também projetar algumas respostas nessa área e esta foi uma delas. Tentámos, com a ARS, oferecer essa resposta que não existia no Marco de Canaveses, o que obrigava quem necessitava a deslocar-se ao Porto, com todos os constrangimentos inerentes para as famílias e, portanto, entendemos que, se a consulta estivesse mais próxima da população, esse não seria um entrave para que pudes-

sem participar mais ativamente nesse tipo de consultas e até nas ações que fomos desenvolvendo.

**Quando falamos em substâncias psicoativas, focamo-nos muitas vezes demasiadamente nas ilícitas, minimizando a importância de outras, igualmente nocivas e altamente consumidas, como o álcool ou o tabaco. Constatam esse problema na juventude do Marco de Canaveses?**

**CV** – Sim, principalmente no que concerne ao consumo de álcool. No âmbito da parceria que temos no Conselho Municipal de Saúde estão também presentes os técnicos e já no ano passado, na altura da pandemia, em que também se agudizaram algumas dessas problemáticas, desenvolvemos algumas ações de sensibilização, nomeadamente com as nossas forças de segurança, a área da saúde e as instituições que estão mais próximas desse grupo-alvo. E essa ação de sensibilização, que foi realizada nos bares, tinha exatamente a ver com isso, porque constatámos que existia um consumo excessivo de álcool, particularmente ao fim-de-semana. Um consumo que foi difícil perceber onde e como se efetuava mas, graças à colaboração das forças de segurança, acabámos por perceber que, muitas vezes, por questões relacionadas com o preço, os consumos nem eram feitos no bar e os jovens adquiriam previamente as bebidas e consumiam-nas em locais públicos, numa prática semelhante à do “botellón”. E isso acontecia frequentemente... quando chegavam aos bares, por volta da 1 ou 2 da manhã, já vinham alcoolizados. Outra realidade que nos foi apontada prendia-se com o consumo de álcool nos restaurantes, em jantares organizados com, pelo menos, vinho à descrição e foi nesse sentido que decidimos atuar. Fizemos uma ação de sensibilização, em que a autoridade de saúde local esteve connosco, para tentarmos sensibilizar, desde logo os bares a não venderem bebidas alcoólicas a menores de 18 anos, também o fizemos nos postos de abastecimento de combustíveis e nas grandes superfícies. Foi uma ação muito bem aceite por todos estes agentes e que nos permitiu perceber a dinâmica e os diferentes contextos e tomar algumas ações e assim também auxiliar as famílias, que muitas vezes nem se apercebem destas realidades. A par, também nos apercebemos de outra realidade, que tem a ver com o tipo de álcool que se consome, nomeadamente um predomínio das bebidas brancas, que gerava uma alteração de comportamentos dos mais jovens um pouco fora do normal.

**Podemos interpretar esta intervenção como uma antecipação à descentralização de competências que os municípios começam a assumir relativamente à saúde e à educação?**

**CV** – Sim, nós somos um município que assumiu de imediato todas as competências que o governo quis descentralizar. A área da saúde é uma delas e estamos também a preparar-nos, com o Conselho Municipal de Saúde, para conseguirmos organizar respostas para alguns dos problemas que até agora não teríamos tanta autonomia para decidir, planejar e intervir e que agora já dispomos.

**Que importância atribuem, nesses programas e ações que desenvolvem, ao envolvimento da escola e das famílias?**

**CV** – A área da saúde trabalha em grande proximidade e parceria com a área da educação. Existem programas de saúde, alguns dos quais ao nível do governo e que são depois descentralizados, que são implementados nas escolas, há enfermeiras com as quais mantemos um contacto diário, temos

uma equipa multidisciplinar na Câmara Municipal, no âmbito do combate ao insucesso escolar, que também nos auxiliou muito e as escolas, por sua vez, também têm trabalhado diretamente com a área da saúde porque temos programas da saúde que são implementados nas escolas. Ou seja, há matérias que são absolutamente transversais e que vamos acompanhando, quer no Conselho Municipal de Saúde, quer no Conselho Municipal de Educação, quer ainda no Conselho Municipal de Segurança. E temos a convicção de que, se não houver esse trabalho paralelo com as famílias e a escola, não há programa que dê resultado.

### **É mais conhecida por falar com as pessoas, ao invés de falar das pessoas... é uma estratégia de proximidade?**

**CV** – Se calhar tem a ver com a minha formação pessoal e académica. Comecei a trabalhar na área social e tinha necessariamente de falar com as pessoas, desde logo para perceber quais eram os seus problemas. E só percebendo quais são os seus problemas seremos capazes de atuar para, pelo menos, tentar minimizar sequelas e encontrar soluções. A proximidade com a população e com os problemas sociais é algo, para mim, impensável não acontecer. Muitas vezes, os políticos são acusados de estarem fechados num gabinete e é verdade que quando fui eleita presidente de câmara tive de ficar fechada num gabinete mais tempo do que gostaria, até porque temos 700 funcionários e um orçamento de 40 milhões de euros para gerir e é à presidente que cabe, juntamente com os seus vereadores, gerir tudo isto, o que exige muito de nós todos os dias. Temos muita confiança nos técnicos da autarquia, que nos permite, sempre que é necessário, delegar, mas procuramos ao máximo aproveitar todas as oportunidades que temos para contactar com a população e penso que temos sido bem-sucedidos. Temos organizado frequentemente roteiros às freguesias, associações, escolas, centros de saúde e até empresas. Colocamo-nos ao dispor das pessoas para nos apresentarem questões e propostas. É uma forma de fazer política com que nos identificamos - até porque fui autarca de freguesia e estou habituada ao contacto próximo com a população – e que nos tem trazido ganhos evidentes.

### **Fenómenos como os consumos excessivos em contextos de recreação noturna poderão também dever-se à ausência ou escassez de alternativas de lazer... pensa investir nesse domínio?**

**CV** – Nós temos criado alternativas. O que entendo é que existe uma pressão social muito grande relacionada com os grupos de inclusão e exclusão. Ou consomem álcool para se sentirem integrados naquele grupo ou começam a fumar ou a testar outro tipo de experiências para poderem ser incluídos nos grupos sociais. O que precisamos é de fortalecer estas crianças e jovens em termos de valores para que percebam o que é certo e errado. Mesmo que tenham que experienciar porque, por vezes, é preciso estar lá para perceber que aquilo é mau. Importante é ajudá-los a criar esses valores com a família e a sociedade, dar-lhes até a oportunidade de experienciar outras coisas e de se divertirem de outra forma. No ano passado, investimos num skate parque e em painéis para grafitar, algo muito simples, mas que nos foi pedido por eles porque fomos ouvi-los às escolas para sabermos o que queriam para os tempos livres. E falamos de intervenções que geraram muita felicidade com um investimento muito reduzido por parte do município. Mas temos também feito investimentos maiores em espaços verdes e de lazer, em infraestruturas desportivas e na agenda cultural, onde considero que fizemos uma revolução, com inúmeros eventos do agrado dos mais jovens e aos quais eles têm aderido. O certo é que não vale a pena criarmos coisas porque achamos que resulta, porque outros municípios têm ou fica bem se os nossos jovens não se identificam com isso. Por isso é que é preciso ouvi-los para definir a estratégia que vá de encontro às expectativas.

### **Será também responsabilidade do município incrementar a qualidade de vida e a felicidade desta população?**

**CV** – É uma responsabilidade direta e indireta do município. Todas as nossas medidas, quer sejam na área social, na área cultural, na área desportiva, têm uma interferência direta ou indireta nos jovens e nos menos jovens. Por



isso, a nossa política desportiva, por exemplo, que também tem um paralelismo com a área social, porque assinámos protocolos com instituições que financiamos que preveem a integração um determinado número de crianças cuja capacidade financeira da família não lhe permite pagar uma prestação. O nosso centro cultural, em que tentamos chamar os nossos jovens a fazer teatro, cinema, dança e música é uma forma de os integrar e, por isso, é nossa responsabilidade proporcionar-lhes atividades que os tornem mais felizes.

### **Em que medida constituem as dependências sem substância uma problemática desta população?**

**CV** – É um desafio com que temos de lidar, e um desafio também para as famílias porque, cada vez mais, têm dificuldade em saber lidar com os filhos sem a presença dos jogos, do tablet ou do telemóvel. Começa a ser tão normal que, mesmo aqueles que pretendem educar os filhos sem um recurso tão abusivo a esses dispositivos, começam a sentir dificuldade. Aliás, constatamos que a socialização é muitas vezes feita com cada um em sua casa, isolados, a conversar ou jogar com os amigos. A relação que existia, com o toque e relação pessoal, o estarem juntos, deixou de existir e foi substituída por uma ligação ao mundo através das novas tecnologias.

### **O mundo mudou muito rapidamente, tal como os valores mudaram, os comportamentos adequaram-se e a transferência de competências para os municípios também pressupõem mudança... por que não mudamos também a escola?**

**CV** – Talvez fosse uma questão mais dirigida para o ministro da educação... mas é uma boa questão. Acho que, mesmo assim, o sistema educativo do país é muito bom. Ao longo dos últimos anos, temos assistido a uma comunicação por parte dos media que, do meu ponto de vista, não é a mais correta. Em 20 notícias, temos 20 a dizer mal. É raríssimo aparecer uma notícia na comunicação social a dizer bem e, de facto, eu tenho testemunhado situações de pessoas que têm filhos que estudaram em Portugal, que saíram do país e, quando o fizeram, foram muito apoiados e perceberam a qualidade do ensino que tiveram em Portugal. Sobretudo quando são comparados com populações como a americana ou a canadiana, que até achamos que têm um sistema educativo melhor do que o nosso, o que não corresponde à verdade. Por isso, se os portugueses conseguem vencer lá fora porque tiveram uma boa educação cá, também tinham a obrigação de vencer cá dentro. O que acho é que a comunicação social tem de

sempenhado um péssimo papel em relação à educação. O que se vê é a professora que foi agredida, o sindicato a pedir mais para os professores, a escola em que falta a televisão, a internet ou a funcionária e o sistema educacional português, como todos os outros, tem falhas. O que temos é um bom sistema de educação, agora, precisa de ser reformulado porque, como dizia e bem, o mundo mudou muito rapidamente e não fomos capazes de acompanhar esta mudança. E quando digo nós, começa logo pelo corpo docente, que é envelhecido e precisa de ser requalificado ou reestruturado rapidamente, porque os mais novos já conseguem acompanhar estas novas tecnologias, as novas pedagogias. E será mais fácil, para um docente com 25, 30 ou 40 anos acompanhar estas novas mudanças do mundo com os alunos do que uma pessoa que está muito perto da reforma e já não tem a mesma capacidade de ouvir, a mesma paciência, destreza e capacidade de acompanhar em termos pedagógicos e didáticos aquilo que os jovens hoje querem. Porque eles já não querem a mesma escola de há 20 ou 10 anos. Agora, o sistema em si funciona bem: temos ótimos professores, as escolas estão bem preparadas, na nossa região temos jardins de infância de excelente qualidade, que competem com o privado onde pagamos 20 vezes mais... os pais pagam 15 euros para terem os filhos das 9 às 5 no jardim de infância com um corpo docente altamente qualificado, com boas colaboradoras, instalações e alimentação e com atividades extracurriculares desde a música ao teatro, ao ballet, à patinagem, à nataçãõ. Não tem havido esta relevância por parte da comunicação social relativamente à capacidade que o sistema tem revelado para integrar os alunos, de estar presente nas suas vidas e lhes transmitir aqueles valores que a escola tem de transmitir.

**O município realizou, recentemente, as suas jornadas de saúde mental. É uma preocupação da autarquia?**

**CV** – Sim, é. As jornadas de saúde mental foram também o reflexo da estratégia do Conselho Municipal de Saúde, que tem reunido, quer com a Diretora do ACES, quer com os responsáveis locais e o trabalho que estamos neste momento a desenvolver é de diagnóstico no âmbito das demências e das dependências. Neste último, temos vindo a trabalhar há mais algum tempo e por isso temos já a consulta descentralizada e estamos agora igualmente focados nos comportamentos mais problemáticos e que se tornaram mais complexos devido à pandemia, nomeadamente os do foro psiquiátrico, que são muitos. Não só pelo consumo de antidepressivos, mas igualmente em comportamentos que vamos vendo nos mais novos, que vêm demonstrando novas fragilidades e vulnerabilidades, cada vez mais precoces.

**Após a intervenção que o município decidiu fazer na área dos CAD e da saúde mental irá resultar num município mais saudável?**

**CV** – As medidas que estamos a tomar só fazem sentido se forem trabalhadas em parceria com os demais atores sociais, quer sejam da área da saúde, da educação, as IPSS, que são muito presentes no território e conhecem melhor as famílias, as equipas de RSI... esse trabalho de complementaridade é necessário e urgente, até porque chegámos à conclusão que existe muita gente no território e todos a fazerem a mesma coisa de forma pouco estruturada. Não vale a pena andarmos a falar do mesmo se não trabalharmos em parceria, cada um a fazer o que melhor sabe, mas sempre com a colaboração dos outros parceiros. E acho que esse é o primeiro passo. É termos, por exemplo, o Conselho Municipal de Saúde, onde estão todos os parceiros, falarem todos a mesma linguagem, definirem e planearem atividades estruturadas com os demais parceiros, para não correremos o risco de voltarmos a fazer o que foi mal feito durante muito tempo sem a eficiência desejável. E creio que também devemos redefinir a nível nacional algumas medidas que começam a ser repetidas e que já não geram efeito em termos de integração social. Dou o exemplo da formação: conheço pessoas que frequentam formação há seis anos, que fazem da formação uma atividade, só porque temos fundos comunitários disponíveis para esse efeito e sem qualquer retorno em termos de integração.

## CONSULTA DESCENTRALIZADA DE MARCO DE CANAVESES, DO CRI PORTO CENTRAL



A área geográfica do ACES Baixo Tâmega, da qual faz parte o concelho de Marco de Canaveses e concelhos limítrofes, estava a descobrir ao nível da existência de respostas de intervenção local com vista à redução do consumo de substâncias psicoativas, a prevenção dos comportamentos aditivos e a diminuição das dependências, obrigando a população local a deslocar-se ao Porto, Braga e Vila Real o que, tendo em conta as suas características específicas, implicava reduzida procura dos serviços face às necessidades e elevada probabilidade de abandono precoce ou incumprimento do seu projeto de recuperação.

A implementação da Consulta Descentralizada de Marco de Canaveses demonstra ser um recurso em saúde indispensável para promover a melhoria das respostas dos serviços de saúde a esta comunidade, uma vez que os comportamentos aditivos estão sempre associados a profundos problemas não só individuais como também problemas da esfera familiar e social.

No cumprimento do estipulado pelo Protocolo de colaboração entre a Administração Regional de Saúde do Norte (ARS-N, IP) e a Câmara Municipal do Marco de Canaveses para o funcionamento da Consulta Descentralizada do Marco de Canaveses, foi iniciada esta resposta a 25 de novembro de 2021.

A funcionar na Unidade de Saúde de Bem-Viver, todas as quintas-feiras durante a manhã, esta é uma consulta especializada de tratamento:

- a consumidores problemáticos de álcool;
- a consumidores de substâncias psicoativas, lícitas e ilícitas;
- a pessoas com comportamentos aditivos, como por exemplo o jogo, internet, relações sexuais, compras, etc.

A Consulta Descentralizada de Marco de Canaveses é assegurada por uma equipa multidisciplinar, constituída por uma médica, enfermeira, assistente social, psicóloga e assistente técnico.

A partir de 20 de outubro de 2022 funcionará das 9h às 17h, no local já anteriormente referido.

	ATIVOS	TIPO INSCRIÇÃO	CONCELHO RESIDÊNCIA	SEXO	IDADE
CDes Marco Canaveses	44	PLA – 30 SPA lícitas – 14	Marco de Canaveses – 35	Masculino – 42	17-19 anos – 3
			Baião – 5		20-29 anos – 4
			Ceafes – 2		30-34 anos – 5
			Ansurante – 1	Feminino – 2	40-49 anos – 17
			Lousada – 1		50-59 anos – 11
					≥ 60 anos – 4

MOVIMENTO ASSISTENCIAL (30/09/2022)